

Reginaldo Faria
revela seu lado
compositor

PÁGINA 4



Musical exalta o
grande sambista
Ismael Silva

PÁGINA 7



As cicatrizes de
Bárbara Paz em
exposição

PÁGINA 8



2º CADERNO

Divulgação



E O Vento Levou

Divulgação



Rastros de Ódio

Divulgação



Uma Aventura na África

Galãs eternos voltam às telas

Mostra no Circuito Estação reúne clássicos com 17 astros que marcaram gerações e revela os bastidores do sistema de estrelas de Hollywood

Por Affonso Nunes

Os cinemas Estação Net Botafogo e Estação Gávea celebram o fascínio dos grandes astros do passado com a mostra “Os Galãs da Era de Ouro de Hollywood”. O evento reúne 17 nomes que marcaram gerações com elegância, carisma e atuações inesquecíveis, oferecendo ao público uma viagem no tempo por meio de clássicos que definiram o cinema americano do século 20.

Ícones como Cary Grant, Clark Gable, Fred Astaire, James Stewart, Humphrey Bogart e Gary Cooper ganham destaque em sessões que revisitam sua contribuição à construção do mito do galã no imaginário popular. A programação inclui obras como “E o Vento Levou” (1939), “Casablanca” (1942), “Interlúdio” (1946), “Ao Compasso do Amor” (1953) e “Cantando na Chuva” (1952), entre outros títulos que atravessaram décadas encantando plateias e arrancando suspiros mundo afora.

Divulgação



Picolino

Mais do que uma seleção de filmes clássicos, a mostra também propõe um mergulho no funcionamento do Star System, sistema de estúdios que moldava a imagem de suas estrelas e controlava cada aspecto de suas vidas públicas. “Galã, ou heartthrob, é o ator bonito, corajoso, inteligente, com boas atitudes e um toque romântico. Foi esse modelo que Hollywood ajudou a consolidar”, explica o curador Mário Abbade.

O público poderá reencontrar a ousadia de Errol Flynn, a integridade de Gregory Peck e a virilidade de John Wayne, além da leveza de Astatire e da presença magnética de Bogart. Para completar a experiência, um catálogo exclusivo traz biografias e análises dos filmes exibidos, tornando a mostra um deleite para cinéfilos e fãs da cultura pop.

SERVIÇO

OS GALÃS DA ERA DE OURO DE HOLLYWOOD

Estação Net Botafogo (Rua Voluntários da Pátria, 88 – Botafogo) e Estação Gávea (Shopping da Gávea – Rua Marquês de São Vicente, 52 – Gávea)
De 15 a 21/5 em horários diversos

Diligência da transgressão

O ás das estéticas queer nos anos 1990 e 2000 Todd Haynes recebe o troféu honorário da Quinzena de Cannes por sua obra provocativa



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Dedicado hoje ao projeto “Fever”, uma cinebiografia da cantora Peggy Lee (1920-2002), com Michelle Williams no papel central, o diretor Todd Haynes há de guardar 2025 num cantinho especial do peito pelo tanto de prestígio acumulado em apenas cinco meses. Em fevereiro, ele assumiu a presidência do júri da Berlinale, fazendo jus a sua luta pela comunidade queer ao entregar o Urso de Ouro à história de amor (entre mulheres) de CEP norueguês “Dreams (Sex Love)” by Dag Johan Haugerud.

Na quarta, foi a vez de ser aclamado no Festival de Cannes, na abertura da Quinzena de Cineastas, onde foi buscar o prêmio honorário desse evento: o troféu Carroça de Ouro. Organizadora desse tributo, La Société des Réalisatrices et Réalisateurs de Films (SFR) premiou em anos recentes as vozes autorais de peso, como Andrea Arnold, Souleymane Cissé, Kelly Reichardt, Frederick Wiseman, Martin Scorsese e Werner Herzog. Haynes foi escolhido por alargar as verves experimentais da imagem em seus filmes, como “Veneno” (1991) e “Longe do Paraíso” (2002).

“Venho de um universo criativo que passou a se expressar com



Divulgação

Todd Haynes: “Venho de um universo criativo que passou a se expressar com o boom da Aids, buscando reagir o que vivíamos”

o boom da Aids, buscando reagir o que vivíamos, e, até hoje, o cinema indie abre avenidas para vozes serem ouvidas”, disse Haynes ao Correio da Manhã em Berlim.

Aos 64 anos, o cineasta americano chegou à Berlinale carregando uma perda profissional nos ombros. Em agosto de 2024, teve um longa adiado (quicá cancelado), às vésperas de iniciar suas filmagens, em decorrência da perda de seu protagonista, Joaquin Phoenix. O astro recusou-se a seguir com o compromisso firmado com o realizador de “Velvet Goldmine” (1998), sem tornar públicas suas justificativas. Tomou bordoadas de todo o lado pela opção de abandonar a empreitada – um roteiro centrado numa paixão entre dois homens - que dependia de seu star quality para sair do papel. Haynes jamais apropriou-se de seu posto no festival alemão para criticar o caso. Só atacou Trump.

“Nalgum momento, seu eleito vai se dar conta do que

fez”, ironizou, antes de fazer uma reflexão das escolhas narrativas que o levaram a ganhar a Carroça de Ouro de Cannes na quarta. “O mestre alemão Rainer Werner Fassbinder dizia que um melodrama precisa de falsos finais felizes como forma de levar a plateia a entender o que se passa nos entornos da vida de suas personagens. Talvez por isso, o cinema que eu faço tenta mirar a sociedade e suas dinâmicas moralistas nas brechas em que a lente da câmera não está centrada nas protagonistas”, disse Haynes ao Correio da Manhã, em entrevista na Espanha, quando lançou “Segredos de um Escândalo” (“May December”), hoje no Prime Video da Amazon.

Em dezembro, esse drama

devastador sobre desejos e projeções de identidade figurou numa das listas de maior prestígio do audiovisual: a enquete anual de 10 Mais da revista francesa “Cahiers du Cinéma”. A equipe crítica do periódico elegeu “Segredos de um Escândalo” como o segundo melhor filme de 2024 – o nº 1 foi “Misericórdia”, de Alain Giraudie. Estrelado por Natalie Portman e Julianne Moore, o longa concorreu ao Oscar de Melhor Roteiro Original (escrito por Samy Burch e Alex Mechanik).

“Foi Natalie que trouxe o enredo de ‘May December’ para mim, brigando por um roteiro que fala sobre o desconforto que as presunções morais trazem”, explicou Haynes, num papo em que encheu de elogios o montador paulista Affonso Gonçalves, editor habitual de seus filmes e da minissérie “Mildred Pierce” (2011), também no ar na Prime Video. “Affonso é uma pedra

fundamental na minha criação. Eu sou ruim de olhar o copião do que rodo, sobretudo quando ainda estou filmando, e entrego a ele a tarefa de me propor uma versão inicial do material bruto. Ele sempre me sai com ideias provocativas”.

Foi Affonso quem montou “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, hoje candidato a três Oscars: Melhor Filme Internacional, Melhor Atriz (Fernanda Torres) e Melhor Filme. Às da montagem, o editor contou ao Correio da Manhã que Haynes lhe oferece trocas profundas na concepção de seus trabalhos.

Cannes segue até o dia 24, quando o júri presidido pela atriz Juliette Binoche vai anunciar o ganhador da Palma de Ouro. O Brasil vai à caça dela com “O Agente Secreto”, do pernambucano Kleber Mendonça Filho. O astro de “Narcos” encarna Marcelo, um especialista em tecnologia que foge de um passado misterioso e volta ao Recife em busca de paz. Ele logo percebe que a cidade está longe de ser o refúgio que procura. Ao lado de Wagner estão Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Thomás Aquino, Alice Carvalho, Edilson Filho e o alemão Udo Kier. O filme é uma coprodução Brasil (CinemaScópio Produções), França (MK Productions), Holanda (Lemming) e Alemanha (One Two Films) e terá distribuição no Brasil da Vitrine Filmes.

Pátria homenageada do Marché du Film (a ala de negócios de Cannes) este ano, o Brasil terá vez ainda na seção Classics do festival com “Para Vigo Me Voy!”, um documentário sobre Cacá Diegues (1940-2025) dirigido por Karen Harley e Lírio Ferreira. Disputa ainda o prêmio das curtas da Semana da Crítica com “Samba Infinito”, de Leonardo Martinelli. Na Un Certain Regard, há uma coprodução da brasileira Tatiana Leite com Portugal, “O Riso e a Faca”, de Pedro Pinho. Há ainda a presença do cineasta Marcelo Caetano no júri da Queer Palm de 2025.

Divulgação



Bastidores das filmagens do épico filosófico 'The Way of the Wind', a vida de Jesus na ótica de Terrence Malick

Divulgação

Evangelho de guerra

Frustrado pela ausência do esperado filme de Terrence Malick sobre Jesus, o ainda incabado 'The Way Of The Wind', Cannes projeta seu longa mais recente, 'Uma Vida Oculta', na praia



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Tratado pacifista coroado com o Prêmio do Júri Ecumênico de Cannes em 2019, "Uma Vida Oculta" ("A hidden life"), de Terrence Malick, retornou ao festival francês este ano

para uma consagrada projeção na abertura da seção Cinéma De La Plage, com exibições nas areias (lotadas) da Croisette. Sua escalção funciona como um consolo para o evento, que ansiava (e muito) pelo novo longa-metragem do diretor americano, "The Way Of The Wind", sobre a vida de Jesus Cristo. Faz tempo que a maratona cinéfila da França anseia pela volta de Malick, que ganhou a Palma de Ouro em 2011 com "A Árvore da Vida", coroada por um júri presidido por Robert De Niro. No entanto, a mirada filosófica do octogénario cineasta para o calvário do filho do Homem parece não ficar

pronta nunca.

O pouco que sabe sobre "The Way Of The Wind" é o fato de seu roteiro abordar as pregações de Jesus da crucificação à Páscoa. O húngaro Géza Röhrig é quem vive o Salvador. As filmagens tiveram locações na Turquia. Mark Rylance é um dos destaques do elenco no papel de Satã. Malick conta ainda com o maciste belga Matthias Schoenaerts no papel do fundador da Igreja, o apóstolo Pedro. Joseph Fiennes, Ben Kingsley e Franz Rogowsky estão no elenco. A fotografia é de Jörg Widmer, que foi operador de câmera em vários longas do cineasta, inclusive "Uma Vida Oculta", que foi



aclamado uma vez mais.

Após uma safra de filmes recentes de linha messiânica, calcados em seus estudos da filosofia transcendentalista, como "Amor Pleno" (2012), o veterano realizador nascido em Illinois aplica seus ensaios sobre fé no contexto da II Guerra Mundial. A aparição do mítico ator suíço Bruno Ganz (1941-2019), num momento crucial da trama, foi saudada na primeira sessão pública do longa, em Cannes, com apupos de respeito, numa salva de aplausos. Em seu trabalho de realiação, o mais sóbrio e contundente desde "Além da Linha Vermelha" (Urso

de Ouro em 1999), Malick recria, com uma potência plástica singular a saga do fazendeiro austríaco Franz Jägerstätter, que se recusou a lutar em prol dos nazistas. O personagem alcança excelência audiovisual graças ao fino desempenho de August Diehl (de "O Jovem Karl Marx") no papel central. Merece destaque a impecável interpretação de Valerie Pachner no papel de sua dedicada companheira, Fani.

Em novembro, Malick chegou aos 81 anos mudado, mais aberto aos holofotes, de flerte com o pop. Há 13 anos, quando conquistou a Palma de Ouro de Cannes com "A Árvore da Vida", ele nem foi ao palco do Palais des Festivals da Croisette para receber seu troféu. No máximo, jantou com os diretores artísticos do evento, pois viveu umas quatro décadas com aversão a fotografias, badalação, redes sociais. Sua realidade agora é outra. Ele até lançou na web um comercial... uma campanha publicitária... para a grife Louis Vuitton. O vídeo "Towards a Dream in USA", é mais uma experiência narrativa com ares documentais filosóficos de cinema road movie do que um reclame institucional padrão. Mesmo assim, é uma virada em sua aclamada carreira, iniciada em 1969.

É possível conferir "A Árvore da Vida" hoje na grade da MUBI. Cultuado, o filme arrecadou US\$ 58 milhões pelo mundo afora, em paralelo à indicação do realizador (um ermitão avesso a fotos e aparições públicas) ao Oscar de melhor direção de 2012. Existe uma segunda versão, director's cut, ainda maior do que a metragem vista em solo cannoise, em 2011, com 2h20, exibida no Festival de Veneza, em 2018, com 188 minutos.

Em 1978, Malick concorreu à Palma de Cannes com "Cinzas no Paraíso", que lhe garantiu o prêmio de Melhor Direção. Depois de seu lançamento, entrou num hiato, debruçando-se sobre a carreira de professor de Filosofia, e só voltou a filmar duas décadas depois.

O Festival de Cannes segue até o dia 24, quando o júri presidido pela francesa Juliette Binoche anuncia os vencedores.

O outro palco de Reginaldo Faria

Fotos/Mônica Martins/Divulgação e Divulgação

Aos 87 anos, ator lança álbum autoral com 13 composições inéditas que revelam sua relação íntima com o violão e a música instrumental

Por Affonso Nunes

Com uma longa carreira dedicada à televisão e ao cinema, Reginaldo Faria se tornou um rosto familiar para o público brasileiro. Protagonizou tramas marcantes como “Vale Tudo”, “Água Viva”, “Dancin Days” e “Baila Comigo”, além de participações expressivas em produções como “O Clone”, “Espelho da Vida” e “Tieta”. No cinema, atuou em clássicos como “Assalto ao Trem Pagador”, “Lúcio Flávio” e “Cazuza – O Tempo Não Para”. Mas poucos sabem que, longe das câmeras, Reginaldo cultivou outro ofício com igual entrega: a música.

Desde a juventude, o violão foi seu refúgio íntimo. “Era meu companheiro nos momentos de alegria e solidão”, conta. Muitas das composições que nasceram nesses encontros silenciosos permaneceram restritas a amigos próximos, trilhas de novelas e filmes. Agora, essas criações ganham o público com o lançamento do álbum “Violão”, que chega às plataformas digitais pela gravadora Kuarup.



Em paralelo ao seu trabalho como ator e diretor, Reginaldo Faria compunha canções que revela agora no álbum ‘Violão’



A abertura do disco, “Arpejo em Fá”, nasceu das aulas exigentes de um antigo professor. Composta como um exercício de técnica e dedicação, a faixa traduz a influência didática que marcou seu início musical. Já “Baseada em Astúrias” presta homenagem ao compositor espanhol Isaac Albéniz, cuja obra o levou a imaginar-se entre os grandes violonistas.

Em “Navegar com Regis e Celo”, a inspiração vem do amor. O mar, símbolo da infinitude, representa uma relação que parecia inabalável. Outras vezes, a criação emergia do instante: “Dia dos Namorados”, por exemplo, tem o mesmo título de uma peça teatral escrita por ele, mas foi composta

em resposta ao momento vivido, não ao enredo cênico.

A imaginação também se alia à escuta. “Romance”, apesar do nome, não segue uma lógica romântica. “Ouvi esse ritmo em algum lugar e ele ficou em mim”, explica. Em “Catedral”, os sons graves e agudos dos sinos se alternam como se estivessem em igrejas diferentes, criando um clima contemplativo.

A música “Ré Menor e Omar” relembra Jorge Omar, um violonista amigo de Reginaldo. Ao lado dele, a figura paterna surge em “Pai”, talvez a mais tocante do repertório. Composta num quarto pequeno, ao lado de uma estante feita pelo próprio pai, a canção carrega uma

história de perda, memória e um suposto estalo no meio da noite – como se a presença do pai ainda rondasse o instrumento.

“Sax e Violão” nasceu para o cinema. A composição acompanha a história de dois garotos que, em estados diferentes, criam a mesma melodia sem jamais terem se conhecido. Em “Estudo Para Violão”, a ausência de motivos levou à simplicidade do nome: era só ele, seu instrumento e o som.

Outras peças remetem a lugares e sentimentos específicos. “Tarde Cinzenta” evoca a melancolia do início de carreira, vivida num apartamento alto na avenida São João, em São Paulo. “Wilmar Saudades” homenageia um tio querido, igno-

rada por anos até ser redescoberta por um cantor em Roma. A música acabaria integrando a novela “Espelho da Vida”, embalando o par romântico vivido por ele e Irene Ravache.

A faixa final, “Trânsito Maluco”, foi composta ainda na adolescência, fruto da inquietação de um menino de treze anos com dedos ágeis e influências que ele nem sabia nomear. “Não sei definir. Mas sei que tinha uma vontade voraz de tocar.”

Em “Violão”, Reginaldo Faria revela um lado autoral que permaneceu à margem por décadas. Um projeto feito com a alma, agora livre para encontrar outros ouvidos e outras histórias.

Um clã musical chamado Ramil

Irmãos Kleiton, Kledir e Vitor e seus filhos voltam ao Rio com o festejado espetáculo 'Casa Ramil', um sublime encontro de vozes e gerações

Marcelo Soares/Divulgação



A Casa Ramil é formada pelos irmãos Kleiton, Kledir e Vitor e seus filhos

Por Affonso Nunes

Antes que a dupla Kleiton & Kledir alcançasse projeção nacional, a música produzida no Rio Grande do Sul era reconhecida basicamente por seu cancioneiro regionalista. Mas Porto Alegre, nos anos 1970, já fervilhava com uma cena musical autoral e urbana, que misturava MPB, rock e ritmos do Cone Sul. Entre os protagonistas desse movimento estavam os irmãos Kleiton,

Kledir e Vitor Ramil, cuja trajetória ajudou a desenhar uma identidade contemporânea para a música gaúcha.

Décadas depois, essa história ganha novos contornos com “Casa Ramil”, projeto que reúne os três irmãos e seus filhos músicos em um espetáculo que celebra os laços de sangue e de som. Em turnê pelo país, o grupo se apresenta nesta quinta-feira (15), no Espaço Cultural BNDES, em sua formação completa: Kleiton, Kledir, Vitor, Ian, Gutcha, Thiago e João dividem o palco, as vozes, os instrumen-

tos e o legado familiar.

Idealizado em 2018, o show “Casa Ramil” nasceu como uma reunião familiar pública, e logo se transformou em registro fonográfico. Gravado no Theatro São Pedro, em Porto Alegre, o álbum e DVD “Casa Ramil ao Vivo”, lançado pelo selo Biscoito Fino, traduz o espírito leve e acolhedor do encontro. Canções autorais, sucessos e inéditas compõem o repertório, entre elas “Deu pra ti”, “Vira virou” e “Estrela Estrela”, clássicos do repertório de Kleiton e Kledir que ganharam

o país.

A formação instrumental da “Casa Ramil” é variada e multifacetada. Kleiton canta e toca violão de aço, violino e percussão; Kledir assume o violão de náilon, o cuatro venezuelano e efeitos eletrônicos; Vitor alterna entre violões, sax, percussão, viola e harmonium. A nova geração também imprime sua assinatura: Ian se reveza entre voz, violão, sax, percussão e monotrom; Gutcha canta e toca percussão, rabeca e harmonium; Thiago toca baixo, guitarra e efeitos eletrônicos; João, por sua vez, contribui com vocais, percussão e baixo.

Apesar da unidade estética e afetiva, cada integrante carrega uma trajetória singular. Kleiton & Kledir e Vitor Ramil, com carreiras consolidadas, colocaram a moderna música do Sul no mapa da MPB. Os filhos, por sua vez, vêm construindo seus próprios caminhos, com forte presença nas redes e reconhecimento de crítica. Ian venceu o Grammy Latino na categoria “Melhor Álbum de Rock”; Thiago foi indicado na categoria “Melhor Álbum Pop Contemporâneo”. Gutcha e João também somam participações em álbuns, shows e festivais.

Em entrevista recente, Vitor Ramil comentou sobre a gênese do projeto. “Foi uma gravação quase casual, um registro, não havia o intuito de um dia lançarmos algo. Quando decidimos resgatar esse material, foi um trabalho minucioso, detalhista e que contou com a participação de todo mundo”, destacou.

SERVIÇO

CASA RAMIL

Espaço Cultural BNDES (Avenida República do Chile, 100 – Centro)
16/5, às 19h | Grátis, com retirada de ingressos a partir das 18h

Blues e rock de raiz com Rodrigo Suricato

Cantor e guitarrista exalta os dois gêneros em show exclusivo no Blue Note Rio

Com um repertório que reverencia suas raízes musicais, Rodrigo Suricato sobe ao palco do Blue Note às 22h30 desta quinta-feira para estreiar o show inédito “The Blues Rock Experience”, com um repertório tão eclético quanto o músico. Acompanhado por André Carvalho (bateria), Cesar Lago (baixo) e Marcio Loureiro (piano rhodes e

hammond), o artista passeia por clássicos do gênero com a liberdade e a personalidade que marcam sua trajetória.

“É a primeira vez que saio em turnê com um projeto mais voltado para o blues e para a guitarra. Gosto de tocar com outros músicos e de identificar no cancioneiro brasileiro bons exemplares do gênero, além de clássicos que as pessoas não tem tanta oportunidade de ouvir”, explica Suricato. “Então, no meu show, Jorge Aragão e Jimmy Hendrix convivem pacificamente e com grande unidade sonora”, completa.

Divulgação



Suricato estreia novo show

Vencedor do Grammy Latino e atual vocalista do Barão Vermelho, Suricato também se destaca como guitarrista, instrumento com o qual construiu uma sonoridade própria, ancorada no blues, no rock e na música brasileira. Dono de uma carreira solo consolidada, ele é conhecido tanto por seu virtuosismo quanto pela capacidade de se reinventar em diferentes contextos musicais, unindo técnica apurada e entrega emocional em performances sempre intensas. (A. N.)

SERVIÇO

RODRIGO SURICATO - THE BLUES
ROCK EXPERIENCE
Blue Note Rio (Av. Atlântica 1910, Copacabana)
17/5, às 22h30
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

Um convidado para lá de especial

João Suplicy lança dueto com Ney Matogrosso na buarquiana ‘Samba e Amor’, single que antecipa ‘Duets’, o novo álbum do artista paulista

Isabela Esíndola/Divulgação

Por Affonso Nunes

João Suplicy apresenta nesta quinta-feira (15) o single “Samba e Amor”, parceria com Ney Matogrosso. A faixa, uma elegante releitura da composição de Chico Buarque, antecipa o álbum “Duets”, previsto para junho, pela gravadora Biscoito Fino. O disco reúne duetos inéditos em português e inglês, com participações de nomes como Zélia Duncan, Frejat, Vanessa Moreno e Rael.

A colaboração com Ney surgiu de um convite feito por Suplicy após ler a biografia do cantor. “Acho o Ney um artista revolucionário, tanto na atitude quanto na forma de interpretar. Ler sobre ele só aumentou minha admiração — e também meu nervosismo na

Ney Matogrosso e João Suplicy nos bastidores da gravação da faixa ‘Samba e Amor’



hora de fazer o convite”, revela.

Segundo Suplicy, a escolha da música também levou em conta a diferença entre as

vozes dos dois artistas: “Como o nosso tom é bem distinto — sou barítono e o Ney, um super tenor —, perguntei ao Jorge Helder,

produtor musical do álbum, se ele achava que funcionaria. A música do Chico é super intimista, e a voz do Ney nesse registro combinou demais.”

Além de “Samba e amor”, o repertório em português inclui versões criadas por Suplicy para dois clássicos da música internacional: “Ela”, adaptação de “She”, de Charles Aznavour, gravada com a cantora Coral; e “La Vie en Rose (Sonho pra Vver)”, imortalizada por Édith Piaf, agora em dueto com Kell Smith.

“Duets” transita entre línguas, estilos e gerações. Em inglês, o álbum traz releituras de compositores como Irving Berlin, Carole King, George Harrison e Elton John, em arranjos que refletem o trânsito musical de João Suplicy entre o jazz, a bossa nova e a canção romântica. A direção musical de Jorge Helder apostou no encontro de timbres distintos para oferecer versões singulares de clássicos conhecidos do público.

Com essa série de encontros, João Suplicy reforça sua versatilidade como intérprete e arranjador, abrindo caminho para uma fase mais colaborativa de sua carreira. “Duets” marca ainda sua estreia na Biscoito Fino, selo associado à música brasileira de alta qualidade. O álbum completo chega às plataformas digitais em junho.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Reggae de salão

A banda Alma Roots lança nesta sexta (16) “Agaradinho”, uma homenagem ao reggae de salão, tradição cultural do Meio-Norte do Brasil. Composição de Nildo Viana, em parceria na produção com Iago Guimarães, a faixa chega acompanhada de clipe gravado em Teresina, no espaço Casa Barro, e participação especial da banda Raiz Tribal. Com lirismo e identidade, a canção exalta o “A2” — o clássico reggae dançado a dois —, celebrando a força e a afetividade de um estilo que atravessa o tempo e as fronteiras regionais.

Matheus Bars/Divulgação



Música com prazo

O trio paulistano City Mall lança o single “City Tour” como novo destaque da série Patterns, idealizada pelo selo Sound Department em parceria com a Cavaca Records. A faixa marca a quinta edição do projeto, que investe em experimentações musicais. Conhecidos por unir Synth-Pop, harmonias de jazz e referências ao City Pop japonês, os músicos criam paisagens sonoras para espaços como lobbies e salas de espera — tudo com estética precisa e ironia elegante. “Foi nossa primeira música com prazo”, conta Matheus Del Claro sobre o processo criativo.

Dynamic Records



Afeto e superação

Jay Wheeler apresenta o single e clipe de “Mejor que Tú”, uma homenagem emocionante à mãe, com quem divide memórias de afeto e superação. A faixa é destaque do álbum “Girassóis”, que já acumula mais de 65 milhões de streams e traz 15 canções marcadas por lirismo e intimidade. Com o novo trabalho, o artista porto-riquenho simboliza sua trajetória pessoal por meio do ciclo dos girassóis: plantio, crescimento e florescimento. Dedicado à mãe, à esposa e à filha, o álbum reforça a evolução de Wheeler como artista e como homem.

Abram a roda para o pai do samba moderno

Fundador da primeira escola de samba e criador da batida sincopada que dominou os desfiles das agremiações, Ismael Silva tem a memória resgatada no musical ‘Professor Samba’

Por **Affonso Nunes**

A história do samba, uma das mais notáveis expressões culturais do Brasil, ganha destaque no espetáculo “Professor Samba: Uma homenagem a Ismael Silva”. Em cartaz na Sala Rosamaria Murtinho, no Teatro Fashion Mall, o musical exalta a trajetória do sambista Ismael Silva (1905-1978), um dos maiores nomes da música brasileira e um dos fundadores da primeira escola de samba.

Ismael é, sem dúvida, uma figura central na história do samba e da cultura popular carioca. Nascido no Rio de Janeiro e criado em Niterói, foi um dos pioneiros na consolidação do samba como um gênero musical que atravessa gerações e

se torna símbolo de resistência e identidade. E também fundou, em 1928, a primeira escola de samba, a Deixa Falar, que depois se tornaria a Estácio de Sá, lugar onde a história do samba se funde com a história do Rio, do Brasil e da cultura afro-brasileira.

Ao longo da trama, o público é transportado para o Rio de Janeiro das décadas de 1920 a 1950, época em que o samba, nascido nas ruas e nos morros da cidade, se tornava parte essencial da cultura carioca e brasileira. Por meio de uma roda de samba, o personagem principal – interpretado por três atores, Édio Nunes, Jorge Maya e Milton Filho – revive as aventuras e histórias de Ismael Silva, assim como os bastidores da boemia carioca, com um toque de “malandragem”, caracte-

rística de uma época que marcou a história do samba.

O roteiro e a direção do espetáculo são assinados por Ana Veloso, que também se preocupa em incorporar à dramaturgia não só a história de Ismael Silva, mas também a história dos próprios atores. A intenção de Veloso é traçar um paralelo entre o passado e o presente, conectando as experiências históricas de Ismael com as vivências atuais dos artistas, todos negros e com uma carreira dedicada à arte e à cultura. Para ela, portanto, a peça vai além da (merecida) homenagem a Ismael para refletir sobre a descolonização dos corpos pretos e a luta pela valorização da cultura afro-brasileira.

Édio Nunes, um dos intérpretes de Ismael, também assina a idealização e direção do espetáculo. Para ele, a peça não se limita a celebrar o samba, mas se configura como um ato de resistência: a história de um homem negro, artista e favelado é resgatada como um exemplo de superação. “Esse espetáculo conta a história de um homem que mostrou ao mundo que tinha talento e merecia seu espaço. Não é tão distante da realidade de muitos artistas negros que, até hoje, lutam por reconhecimento”, afirma Édio.

Édio destaca que a peça é uma forma de lembrar o público de que a cultura popular brasileira foi e continua sendo moldada por artistas como Ismael, que, mesmo com todos os desafios e dificuldades, jamais deixaram de lutar para deixar sua marca.

Além da história de Ismael Silva, a peça também explora a criação da escola de samba e a transformação do samba em um dos maiores símbolos culturais do Brasil. A música desempenha um papel central no espetáculo, com uma direção musical de Vladimir Pinheiro, que traz à cena uma rica sonoridade, cheia de ritmo e emoção, embalando o público nas batidas do samba e celebrando a fusão do samba com a identidade carioca.

Outro grande atrativo de “Professor Samba” são as participações especiais. Após cada apresentação, integrantes de escolas de samba cariocas se juntam aos atores no palco, criando uma festa que remete ao espírito das rodas de samba.

Apesar de ter passado por dificuldades financeiras e pessoais ao longo de sua vida, Ismael Silva teve sua volta triunfal nos anos 1950 com o samba “Antonico”, que foi gravado por Alcides Gerardi e fez grande sucesso. Sua importância na música popular brasileira é indiscutível, tendo sido reverenciado por artistas como Chico Buarque e Vinícius de Moraes.

Ismael Silva é reconhecido pelos historiadores da música brasileira como o pai do samba moderno ao transformar o samba rural e o samba de roda – com raízes no Recôncavo Baiano – num samba urbano, estruturado e com apelo radiofônico, que se consolidou no Rio nas décadas de 1920 e 1930. Estamos falando de um samba estruturado em versos regulares, com refrões e melodias mais acessíveis ao grande público. E junto aos parceiros do Estácio, como Nilton Bastos e Bide, Ismael criou uma nova batida, mais sincopada e voltada para o desfile das escolas de samba – uma base rítmica que influenciaria gerações de compositores e instrumentistas.

SERVIÇO

PROFESSOR SAMBA - UMA HOMENAGEM A ISMAEL SILVA
Sala Rosamaria Murtinho - Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, sala 213, São Conrado)
Até 28/5, às quartas (20h30)
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia) | Local:

Ernani Pinheiro/Divulgação



Os atores Édio Nunes, Maya e Milton Filho formam o trio de protagonistas do musical, revezando-se no papel de Ismael, o inventor do samba moderno



Algo além das cicatrizes

Atriz, diretora e artista visual Bárbara Paz retorna ao Rio com sua primeira exposição individual, “Auto-acusação”, que poderá ser vista no Studio OM.art. Sucesso de público e crítica nas cidades por onde passou, como São Paulo e Lisboa, a mostra explora as cicatrizes deixadas em seu corpo após um acidente de carro, ocorrido quando ela tinha apenas 17 anos.

A exposição reúne uma variedade de linguagens artísticas, como fotografias, vídeos, instalações e performances, ampliando a compreensão sobre o conceito de identidade e a relação entre o corpo e as múltiplas facetas da experiência humana.

“Decidi não tirar essa marca. Quem sou eu sem ela?”, reflete a artista, destacando o impacto da cicatriz em sua jornada de autoconhecimento e expressão. Em suas obras, Bárbara utiliza materiais que marcaram sua trajetória, como cacos de vidro, o ponto de sutura que a costurou, os cabelos e até a maquiagem que ajudou a esconder as cicatrizes no rosto. Ao reunir esses elementos em suas peças, ela cria um diálogo intenso sobre o corpo como matéria histórica e o modo como as marcas físicas moldam nossa percepção de nós mesmos.

“Um fio segurou minhas metades. Um nervo manteve minhas partes. Decidi não tirar essa marca. Quem sou eu? Fiquei com medo de mim sem ela. Um vaso quebrado”, descreve Bárbara Paz. “Cada marca no meu corpo carrega uma história, e

Exposição traz obras que exploram as marcas físicas e emocionais de Bárbara Paz, unindo fotografia, vídeo, instalação e performances



Cada cicatriz é uma história, cada marca, um aprendizado. A obra de Bárbara Paz convida o espectador a refletir sobre a beleza da vulnerabilidade e a força que reside nas transformações do corpo e da alma

essas histórias se tornam parte de quem sou”, completa.

Além das instalações, a exposição vai além das artes visuais, integrando teatro,

canto, audiovisual e cinema. Um dos destaques é a presença de uma boca falante, uma referência à peça homônima de Peter Handke, “Auto-Acusação”, que faz parte da

coletânea “As Peças Faladas” e é explorada por meio de imagens no ambiente expositivo. A peça de Handke, que reflete sobre o processo de autoinvestigação, serve como metáfora para a experiência de Paz com seu próprio corpo e suas cicatrizes.

Durante o período da mostra, Bárbara Paz realizará performances semanais, ampliando a experiência do público e proporcionando uma imersão ainda maior nas questões que sua arte aborda. A cada apresentação, ela será acompanhada por uma artista convidada, e a programação completa será divulgada em breve. A exposição promete ser uma experiência profunda, que questiona o que é visto e o que é escondido, o que é aceito e o que é recusado.

A exposição não se limita a uma reflexão sobre as cicatrizes físicas da artista, pois extrapola para uma investigação sobre as invisíveis, que moldam a identidade e revelam os diversos “eus” que coexistem em cada ser humano. Ao convidar o público a se deparar com sua vulnerabilidade e força, a artista propõe uma reflexão sobre a aceitação e a transformação pessoal.

SERVIÇO

AUTO-ACUSAÇÃO

Studio OM.art (Rua Jardim Botânico, 997)

Até 16/6, de terça a sexta (11h às 18h), sábados (12h às 20h) e domingos (10h às 18h)

Entrada Franca